

AS DESIGNAÇÕES DA *ES CRAVA ISAURA* EM OBRA HOMÔNIMA

Jane Josefa da Silva CAMILO (PPGL -UNEMAT)¹

Neuza ZATTAR (UNEMAT)²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar as designações da escrava Isaura, por considerar que a designação, enquanto significação de um nome exposto ao real, muda, altera, se apaga, o que dá à designação uma relação semântica instável. Tomamos como *corpus* o romance escravagista *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (1875), e nos filiamos à Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães (2002).

Palavras-chave: Enunciação. Designação. Interdiscurso

1. A escrava Isaura

A obra *A escrava Isaura* (1875), do escritor brasileiro Bernardo Guimarães, aborda a escravidão do Brasil no Segundo Reinado, e em especial a vida de Isaura, escrava de origem negra, mas de pele branca, que foi criada e educada pelos proprietários da Fazenda, onde vivia, como pessoa livre dotada de talentos como: tocava piano, cantava, lia romances, vestia-se bem, e, ao contrário de outras escravas, não fazia nenhum tipo de trabalho braçal. A escrava era dama de companhia de sua dona que, antes de morrer, deixou-lhe uma *carta de alforria*. Mas Leôncio, filho dessa senhora, deseja Isaura, e para mantê-la sob o seu poder, esconde a carta e a atormenta. Para livrar-se dessas constantes perseguições, a escrava busca de todas as formas conquistar sua alforria e, conseqüentemente, a sua liberdade.

Isaura, a personagem central do romance, é retratada pela beleza e principalmente pela *brancura* da sua pele, fazendo-nos refletir sobre o sentido da palavra liberdade e a sua relação com a cor, uma vez que era incomum para a época uma escrava branca. No entanto, a vida da escrava Isaura muda à medida que não cede aos impulsos de seu novo patrão.

Essa contradição e outras atravessam as enunciações sobre a *liberdade da escrava branca*, pois de acordo com Zattar (2000), o escravo brasileiro juridicamente era considerado

¹ Aluna regularmente matriculada em Linguística - Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres) – Brasil – janejcamilo@hotmail.com

² Professora Dra. em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres) – Brasil – neuza.top@hotmail.com

coisa ou objeto de direito na metade do século XIX, época em que foi escrita a obra em estudo. No início da obra, a escrava Isaura se distingue das outras, mas no decorrer da história ela passa a ser tratada também como as demais escravas.

Neste artigo propomos analisar como se dá processo de *designação* da escrava Isaura, nos diversos enunciados que integram o texto da obra, por considerar que a designação, enquanto significação de um nome exposto ao real, muda, altera, se apaga, o que dá à designação uma relação semântica instável.

2. As designações da escrava Isaura

Adotaremos a Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães (2002, 2005, 2007), como suporte teórico, por considerar que “a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento, do dizer” (p. 7).

Com relação às cenas enunciativas, Guimarães as define como “os modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Idem, p. 23), ou seja, as figuras enunciativas não são pessoas empíricas, mas uma “configuração do agenciamento enunciativo”, ou lugares constituídos pelos dizeres, isto é, a língua funciona na medida em que o indivíduo ocupa uma posição de sujeito no acontecimento.

Desse modo, assumir a palavra é pôr-se no lugar que enuncia. Para Guimarães, as figuras enunciativas se constituem de Locutor, a fonte do dizer ou o responsável pelo dizer; o locutor-x representado por um lugar social, e o Alocutário, a quem o Locutor se dirige. Sobre essas figuras, diz Guimarães (2002, p. 24), “é preciso distinguir o Locutor do lugar social do locutor, e é só enquanto ele se dá como lugar social (locutor-x) que ele se dá como Locutor. Ou seja, o Locutor é díspar a si. Sem esta disparidade não há enunciação.

Para o autor (2007, p.77), a significação é produzida enunciativamente no e pelo acontecimento do dizer, assim, tanto a significação quanto a relação com “o que acontece” são construídos linguisticamente. Desse modo, através da *designação* podemos construir o sentido, pois “a designação é o modo pelo qual o real é significado na linguagem” (Idem, p. 82).

Sobre a designação, diz Guimarães (2010, p.74),

O objeto é uma exterioridade produzida pela linguagem, mas não se reduz ao que fala dela, pois é objetivada pelo confronto de discursos. Em que sentido isto se dá? No sentido em que o objeto é constituído por uma relação de discursos. A sua materialidade é este confronto.

Será a partir deste confronto de discursos que procuraremos analisar como a escrava Isaura vai sendo designada, levando em consideração a incompletude da língua, o lugar social de onde os locutores enunciam e o interdiscurso, ou seja, a relação de um discurso com outros discursos.

Vamos analisar o processo de designação a partir de recortes extraídos da obra *A Escrava Isaura*, e para tal utilizaremos o significado de recorte no sentido que lhe dá Guimarães (2010, p.44): “um fragmento do acontecimento da enunciação. Não se trata de sequência, mas de formas linguísticas que aparecem como correlacionadas.”

Vejam os recortes.

- (1) Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma **bela e nobre figura de moça**. As linhas do perfil desenham-se distintamente entre o ébano da caixa do piano e as bastas madeixas ainda mais negras do que ele [...]. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada (p. 09).

Na cena enunciativa, o Locutor narra e descreve a beleza da escrava, metaforizando a sua tez com *o marfim do teclado*. Considerando que o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social, nessa cena o Locutor se dá como locutor-x ou locutor-escritor, autorizado a falar do lugar de autor romancista da segunda metade do século XIX. Nessa cena a escrava Isaura é designada por *uma bela e nobre figura de moça*, e os adjetivos *bela* e *nobre* predicam *a figura de moça*. Aqui o locutor-escritor trata a escrava no mesmo nível que as moças nobres do Império, tal é a beleza do rosto, o comportamento, a tez branca, os cabelos, o modo de sentar-se ao piano. A descrição é quase surreal, mas tratando-se de uma ficção, o escritor vai além da descrição e da verdadeira condição da escrava Isaura.

- (2) Não tenho ânimo de soltar **este passarinho** que o céu me deu para me consolar e tornar mais suportáveis as pesadas e compridas horas da velhice. E também libertá-la para que? Ela aqui é livre, mas do que eu mesma, coitada de mim, que já não tenho forças para gozar da liberdade. Quer que eu solte **minha patativa**? E se ela transviar-se por aí e nunca mais acertar com a porta da gaiola? (p. 18)

Nessa cena o Locutor enuncia e passa a ocupar o lugar social de locutor-x ou locutor-proprietária da escrava. No enunciado *Não tenho ânimo de soltar este passarinho*, o verbo *soltar* significa em oposição a “prender”, isto é, a escrava não tem liberdade, embora desfrute do bem-estar da família. E o dêitico *este* aponta para a figura da escrava Isaura que nos faz pressupor que ela se encontra próxima do sujeito falante. Isaura é *designada* inicialmente como *este passarinho* que tem a obrigação de *consolar e tornar mais suportáveis as pesadas e compridas horas da velhice*, e no final do recorte, ela é designada por *minha patativa*, em que o pronome possessivo *minha* reforça o domínio de posse sobre a escrava. Designada duplamente como *passarinho*, na segunda designação retoma o memorável da ave canora *patativa*, muito procurada no mercado de aves de gaiola, no Brasil. Se *patativa*, conforme Houaiss eletrônico, é uma ave para se criar em gaiola, ave doméstica, as designações atribuídas à escrava significam o estado de liberdade da escrava: *soltar este passarinho* e *solte minha patativa?*

- (3) Ninguém diria que era **uma escrava**, que trabalhava entre as companheiras e a tomaria antes por uma **senhora moça** que, por desenfado, fiava entre os escravos. Parecia **a garça-real**, alçando o colo garboso e altaneiro, entre uma chusma de pássaros vulgares (p. 44).

Nessa cena enunciativa, o locutor-x é representado pelo locutor-escritor, autorizado a enunciar de um lugar social da sociedade escravocrata. Nesse recorte, observa-se um deslocamento de sentidos em relação à condição da escrava Isaura, ou seja, ela não faz mais parte do convívio familiar de seus donos, e se encontra trabalhando entre as demais companheiras escravas. É nesse quadro comum aos escravos da fazenda, que o escritor a imagina como ainda como **senhora moça** por destoar de outras mulheres. Mas por se encontrar na senzala entre as demais escravas, é designada como **uma senhora moça** e **uma garça-real**. Aqui fica clara a posição do escritor em relação à raça negra quando ele compara *uma garça branca* (Isaura) com *uma chusma de pássaros vulgares* (companheiras escravas). Em relação à designação com nome de ave, rememora-se as aves da fauna brasileira para designar a escrava Isaura e as demais escravas como: (garça) **real** x (pássaros) **vulgares**, *pássaros* sem nome.

- (4) Lembra-te, **escrava ingrata e rebelde**, que em corpo e alma me pertences, a mim só e a mais ninguém. És **propriedade minha**; um

vaso que tenho entre minhas mãos e que posso usar dele ou despedaçá-lo a meu sabor (p.58).

Na enunciação do recorte 4, o Locutor enuncia e passa a ocupar o lugar social de locutor –x ou locutor-proprietário (herdeiro) da escrava. O patrão assume o lugar social de proprietário de fazenda e de escravos, e dirige-se a Isaura através do vocativo **escrava ingrata e rebelde**, em que **ingrata** e **rebelde** predicam a **escrava** e mostram a relação de não submissão da escrava ao seu senhor. Nesse recorte, a escrava Isaura é designada como **propriedade minha** e **um vaso**, em que a designação *propriedade minha* significa o pertencimento da escrava ao senhor, que deve obediência a ele, e como *um vaso*, o dono da escrava imagina tomá-la entre as mãos, sujeitando-a ao seu humor. Esse tratamento rememora as relações escravocratas que povoam o imaginário de escritores que vivenciaram essa época ou que pesquisam as relações entre escravos e patrões. Ainda, no recorte, os pronomes pessoais *me, mim, minha* reforçam a posse sobre a escrava.

Nessa cena o Locutor instala o Alocutário, no caso a escrava Isaura, ao dirigir-se a ela através dos verbos flexionados na segunda pessoa: **Lembra-te, pertences, És**. Percebe-se na cena enunciativa a instalação do conflito no acontecimento do dizer, que Guimarães (2002, p. 25) define como o que “se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos”.

- (5) “**Mulatinha** – disse – tu, não fazes ideia de quanto és **feiticeira**. Minha irmã tem razão; é pena que uma **menina** assim tão linda não seja mais que uma **escrava**. Se tivesse nascido livre, serias **a rainha do salão**. (p.22)

Na cena enunciativa 5, o Locutor é representado por Henrique, cunhado de Leôncio (o dono da escrava), e fala do lugar social de locutor-x ou locutor-pretendente da escrava Isaura. Aqui o tom do Locutor muda, e Isaura é designada por **Mulatinha**, significando afeto, e pela primeira vez a cor mestiça é dita embora de modo carinhoso; a designação **feiticeira**, está significando atração sobre o pretendente, **uma menina** cuja imagem significa para o locutor-pretendente, e finalmente, **a rainha do salão** a designaria se ela tivesse nascido livre, e como não nasceu, esse título perde o sentido. Em **mulatinha**, temos o memorável de que a escrava branca tinha sua origem negra, pois segundo o dicionário Aurélio, *mulato* designa aquele que

é mestiço; filho de mãe negra e pai branco ou vice-versa. Aqui o locutor-pretendente inicialmente a designa como **mulatinha**, em seguida ela é predicada por **feiticeira**, apesar de *linda*, o moço por pertencer à elite social, a coloca na condição de escrava, nome com o qual é designada.

Considerações Finais

A análise dos recortes nos mostra que as designações da escrava Isaura mudam à medida que o sujeito que enuncia muda de posição no acontecimento do dizer. Temos assim as seguintes designações para Isaura: *bela e nobre figura de moça, este passarinho, minha patativa, garça-real, escrava ingrata e rebelde, vaso, mulatinha, uma menina, feiticeira, rainha do salão*.

Na obra *A Escrava Isaura*, há muitas passagens que rememoram o lugar social do escravo brasileiro da metade do século XIX, ou seja, daquele que não tinha direito à liberdade e era considerado objeto de direito, assujeitado ao seu proprietário. A escrava Isaura, ao ser designada por diferentes nomes, nos mostra que “o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposta à diferença”, como afirma Guimarães (2010, p.74).

Referências

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo, Gold, 2004.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas, Pontes, 2002.

_____. *Os Limites do Sentido*: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas. Pontes, 2010.

_____. *Análise de Texto*. Procedimentos, análises, Ensino. Campinas, Editora RG, 2011.

_____. *Semântica do Acontecimento*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2002.

_____. Domínio Semântico de Determinação. In: GUIMARÃES, Eduardo e MOLLICA, Maria Cecília. (Orgs.). *A palavra*: forma e sentido. Campinas: RG Editores, 2007.

NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. *Documentos sobre escravidão no Brasil*. São Paulo, Contexto. 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PROENÇA FILHO, Domicio. *A trajetória do Negro na Literatura*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro Brasileiro Negro, nº25, 1997, PP.159-177.

ZATTAR, Neuza. *Os sentidos de liberdade do escravo na constituição do sujeito de enunciação*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. A corte portuguesa fugiu ou mudou-se para o Brasil? In: *webvistadiscursividade Estudos Linguísticos*. 9. ed. Jan-Mai, 2012.